

NOTÍCIAS DO PATRIMÔNIO

Informativo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Cultura - novembro/99 - Especial

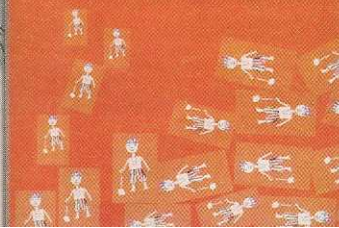


Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade 1999

“As ações de preservação e divulgação do patrimônio cultural representam indispensáveis conquistas para o desenvolvimento de uma sociedade. O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade destaca-se por reconhecer pessoas e instituições que compartilham dos ideais do fundador do Iphan. Entusiasmo e dedicação marcaram indiscutivelmente a trajetória de Rodrigo, homem de erudição e coragem que, durante 30 anos, dedicou-se à luta pela defesa do patrimônio cultural do país.

O Brasil muito deve a Rodrigo Melo Franco de Andrade, daí a importância do prêmio que leva seu nome. Privilegiados são todos aqueles que, merecidamente, conquistam essa premiação. Afinal, o trabalho pela preservação do patrimônio, assim como os esforços no sentido de divulgar a sua importância para a nação, representam inegáveis demonstrações de amor e dedicação ao Brasil”.

Francisco Weffort
Ministro da Cultura



O IPHAN E A COMUNIDADE

Percorrer uma trajetória jovem, de 500 anos, em um país moldado por uma natureza prodigiosa e pela representatividade do seu patrimônio histórico e cultural, certamente é aventura das mais carismáticas e proveitosas.

O Brasil, retratado em sua pujança arquitetônica a partir de modelos originais do século XVI, é dono único de um legado fisionômico particular, de nuances e desenhos que comovem e nos remetem a ações concretas de preservação.

Mas, certamente, não haverá nenhuma política forte no conceito e dinâmica na prática, se o seu mecanismo não for articulado com os impulsos, a parceria, o interesse e a determinação consciente da comunidade.

O Iphan, com um horizonte de vastas atitudes incorporadas ao cotidiano nacional em 62 anos de existência, procura redimensionar um novo olhar sobre o horizonte do resguardo dos bens imóveis e imateriais brasileiros.

O patrimônio histórico, cultural e artístico pertence à sociedade e, por isso, deve estar disponível para o uso consciente de todo cidadão, sem que qualquer tipo de cordão de isolamento possa dificultar o acesso da comunidade a um bem protegido pelo Governo Federal.

A disposição de enfrentar possíveis dificuldades na implementação desta diretriz, por exemplo, conforta-se na plenitude do desenvolvimento de um trabalho de conteúdo educativo tendo a sociedade como gestora dos atos de proteção de suas riquezas patrimoniais.

Sociedade civil e o patrimônio restaurado e protegido: este o destino de uma nação visivelmente capacitada na hora de compor o elenco dos países civilizados que buscam em suas tradições e manifestações populares o seu rosto universal.

A edição 1999 do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade é uma síntese acabada, correta e entusiasmada de esforços vários no sentido de motivar, cativar e envolver nossa gente na recuperação, divulgação e manutenção de sua cultura mais umbilical.

Houve, sim, uma dificuldade extrema na escolha dos premiados deste ano: a qualificação, o preparo e a competência das 132 ações inscritas nacionalmente impuseram à Comissão Julgadora um trabalho árduo de avaliação e escolha dos seis vencedores.

Pontuada de ações exclusivas, com características marcantes, motivo desta edição especial do jornal *Notícias do Patrimônio*, a premiação dos vencedores é um novo motivo de orgulho para o Iphan que, em nenhum momento, prescinde do apoio dos cidadãos e das instituições do Brasil.

Procurando executar as diretrizes da política de proteção patrimonial determinada pelo senhor Ministro da Cultura, Francisco Weffort, nós, do Iphan, temos que redobrar esforços ensejando que a memória deste país jovem, seja, no futuro, uma prova definitiva do seu amadurecimento intelectual e humano.

Carlos H. Heck
Presidente do Iphan

O PRÊMIO

O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, criado com a finalidade de estimular e valorizar ações de preservação e divulgação do patrimônio cultural brasileiro, é oferecido anualmente a pessoas, instituições ou empresas de todo o país que compartilham dos ideais do fundador do Iphan.

Dividido em seis categorias, constitui-se de um troféu, diploma e um prêmio em dinheiro, no valor de seis mil reais.

As ações inscritas são pré-selecionadas por Comissão constituída em cada uma das 14 Superintendências Regionais do Iphan e formada por representantes das diferentes áreas culturais da região. Cada Superintendência seleciona apenas um trabalho por categoria, encaminhando-o à Comissão Nacional de Avaliação, integrada por pessoas de notório saber técnico e profissional e pelo presidente do Iphan.

• *O Iphan reconhece:
o povo Xukuru é patrimônio*

• *Quando eles chegaram aqui,
eu e meus parentes éramos muitos, milhares,
milhões.
Nós éramos muito diferentes deles,
e eles não gostaram do que viram.
Não gostaram da minha pele, do meu cabelo, das
feições do meu rosto.
Então quiseram que eu mudasse!
Vestiram-me com suas roupas,
ensinaram-me a sua língua,
obrigaram-me a ter outros costumes.
Como se ainda não bastasse,
roubaram minha terra e ocultaram minha
história.
Agora eu não sou mais como era antes.
- Tá tudo bem seu moço,
eu já aprendi: cultura é assim mesmo,
se muda, se transforma,
se recria.
Eu também, com certeza, mudei você.
E agora, depois de tanto tempo,
depois de 500 anos,
mataram meu cacique,
o Xicão Xukuru.
- Mas seu moço,
por esse crime eu quero justiça,
e a minha história e a minha terra
eu quero de volta!
Olha só,
a minha história eu já pesquisei,
já registrei, escrevi,
e o Iphan premiou.
Agora é, reconhecidamente,
Patrimônio da cultura e da história do Brasil!
- Viu seu moço,
nem tudo você roubou de mim!*

Poesia coletiva dos professores Xukuru



EXPEDIENTE

• *Presidente da República*
• Fernando Henrique Cardoso
• *Ministro da Cultura*
• Francisco Weffort
• *Presidente do Iphan*
• Carlos H. Heck
• *Diretor de Promoção*
• Fernando Coelho
• *Diretora de Identificação e Documentação*
• Célia Corsino
• *Diretora de Proteção*
• Louise Henriques Ritzel
• *Diretora de Planejamento e Administração*
• Maria da Glória Lopes Pereira
• *Editor-Chefe*
• Marcus De Lamonica (DRT-DF 556)
• *Redação e Revisão*
• Ediléia Maria de Oliveira (DRT-RJ 13.165)
• Maria da Graça Mendes (DRT-DF 5471)
• *Projeto gráfico e Diagramação*
• Nívia Barbosa e Angélica Lira
• *Fotolito e Impressão*
• Fotograff
• Athalaia Gráfica e Editora
• *Homepage:* <http://www.iphan.gov.br>
• *E-mail:* webmaster@iphan.gov.br



RODRIGO, UMA BREVE BIOGRAFIA

Fundador e primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, hoje Iphan, o advogado e jornalista Rodrigo Melo Franco de Andrade esteve à frente da instituição durante os seus 30 primeiros anos.

Mineiro de Belo Horizonte, nasceu em 17 de agosto de 1898. Filho mais velho de Rodrigo Bretas de Andrade e de Dália Melo Franco de Andrade, herdou dos pais o gosto pelas letras e artes.

Seus primeiros estudos foram feitos em casa e no Ginásio Mineiro, de Belo Horizonte. Em Paris, no Lycée de Sully, fez o curso secundário, período em que conviveu com personalidades como Graça Aranha, Tobias Monteiro e Alceu Amoroso Lima. De volta ao Brasil, dedicou-se ao curso de Direito.

Nessa época, aproximou-se de grupos modernistas atuantes, criando amizades que se solidificaram e foram muito importantes em sua vida, como Aníbal Machado, que o estimulou em sua iniciação literária, Milton Campos, João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Abgar Renault e Oswald de Andrade, entre outros.

Em 1921, iniciou sua atividade jornalística, colaborando com o jornal carioca *O Dia*. O movimento modernista de 1922 passou a ter mais um porta-voz quando Rodrigo aproximou-se de Mário de Andrade e quando, em 1926, tornou-se redator-chefe da *Revista do Brasil*, de Assis Chateaubriand, aliando-se à luta travada pelos artistas revolucionários de então.

Colaborou ainda em outros jornais e revistas, como o *Estado de Minas*, *A Manhã*, *Diário da Noite*, *O Estado de São Paulo*, *O Cruzeiro*, *Diário Carioca*, *Módulo* e *O Jornal*. Paralelamente à atividade jornalística, trabalhou no escritório de advocacia de seus tios Afrânio e João de Melo Franco.

Em 1930, já casado com Graciema Melo Franco de Andrade, Rodrigo foi convidado pelo Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, a ocupar a chefia de gabinete do Ministério. Seis anos depois, por indicação de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira, recebeu de Gustavo Capanema, então ministro da Educação e Saúde, a incumbência de organizar e dirigir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A proteção dos bens patrimoniais do país passou a ser sua principal atividade, deixando em segundo plano a literatura, o jornalismo, a política e a advocacia,

assuntos pelos quais manifestava interesse desde jovem.

A implantação do Serviço do Patrimônio exigiu o cumprimento de diferentes tarefas, como a redação de uma legislação específica, com a introdução da figura do tombamento, a preparação de técnicos e trabalhos na área, disputas judiciais, luta pela sobrevivência da repartição junto a políticos e governantes, e a busca de uma consciência de preservação, em nível nacional. Nesse sentido, a ação decisiva de Rodrigo fez com que obtivesse o apoio e a admiração de todos os que com ele conviviam - funcionários, técnicos, especialistas brasileiros e estrangeiros, chefes de repartições e governos, representantes do povo e outros.

Nos primeiros anos do Sphan, Rodrigo contou com a colaboração de brasileiros ilustres, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Leão, Luís Jardim, José de Souza Reis, Lucio Costa, Edgar Jacinto da Silva, Renato Soeiro, Ayrton Carvalho, Afonso Arinos de Melo Franco, Carlos Drummond de Andrade, Joaquim Cardoso, Gilberto Freire, Alcides da Rocha Miranda, Vinícius de Moraes, Celso Cunha, Arthur César Ferreira Reis e Sérgio Buarque de Holanda.

Formou-se uma equipe integrada por pesquisadores, historiadores, juristas, arquitetos, engenheiros, conservadores, restauradores e mestres-de-obra, que realizaram inventários, estudos, pesquisas, além de obras de conservação, consolidação e restauração de monumentos. Foi organizado um arquivo de documentos e de dados colhidos em arquivos públicos e particulares, e reunido valioso acervo fotográfico. Estruturou-se ainda uma biblioteca especializada no assunto e criou-se museus regionais e nacionais, recuperando pinturas antigas, esculturas e documentos e protegendo inúmeros bens patrimoniais.

A divulgação desse trabalho era outra preocupação de

Rodrigo. Para isso, criou diversas publicações dentro da instituição, entre as quais destaca-se a *Revista do Patrimônio*, cujo primeiro número circulou ainda em 1937. Edição especial da publicação, intitulada *60 Anos, a Revista*, lançada em 1997, republicou texto de Rodrigo sobre o programa do primeiro número.

Rodrigo Melo Franco de Andrade, falecido em 1969, dirigiu a instituição de 1937 a 1967, período que ficou conhecido como *fase heroica*.

Velar pelo que velamos é uma necessidade tão vital para o país como qualquer outra, talvez mais.

Rodrigo Melo Franco de Andrade



OS VENCEDORES DE 1999

Este ano, 132 ações de todo o país candidataram-se ao Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. As Comissões Regionais pré-selecionaram 47 trabalhos, que foram analisados pela Comissão Nacional de Avaliação. As ações vencedoras de 1999 são as seguintes:

Categoria Apoio Institucional e Financeiro

Paulo e Maria Cecília Geyer, pela doação da Coleção Geyer ao Museu Imperial, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A coleção, com mais de 3,5 mil peças do século XIX, pertenciam à família Geyer desde a década de 30. O termo de doação, a maior já feita por particulares a uma instituição pública de natureza cultural, incluiu ainda a residência da família, localizada em um terreno de 12 mil metros quadrados no Cosme Velho, na cidade do Rio de Janeiro, que passará a ser uma extensão do Museu Imperial.

Avaliado em R\$15 milhões, o acervo reúne desenhos, gravuras e óleos de Rugendas, Victor Meirelles, Thomas Ender, Chamberlain, Facchinetti, Hagerdorn, Debret e Taunay, entre outros, livros dos viajantes que passaram pelo Brasil no século passado, móveis, louças e pratarias, além de 140 coloridas pinhas antigas de cristal.

Categoria Divulgação e Difusão

Fundação de Cultura Cidade do Recife/PE, da Prefeitura da Cidade do Recife, pelo *Encarte Cultural Brincantes*.

Veiculado pelo Jornal do Commercio de Pernambuco nos meses de outubro e novembro do ano passado, durante oito semanas, o *Encarte* difundiu várias manifestações culturais. Atingiu até o momento um público de quase 90 mil pessoas e gerou novos e importantes produtos: ampla bibliografia, 500 *cd-roms* e uma página na Internet (<http://www.recife.pe.gov.br/cultura/brincantes>). Além disso, levanta questões sobre as manifestações da cultura popular que passam por um processo de mudança ou desaparecimento, abrindo espaços para sua revitalização e recriação e, conseqüentemente, para a sua preservação.

Categoria Preservação de Bens Móveis e Imóveis

Padre Pedro Nunes de Almeida, pela restauração da Igreja de Santa Rita, no Rio de Janeiro/RJ.

Localizada no Largo de Santa Rita, no centro da cidade do Rio de Janeiro, a Igreja foi construída por Manuel Nascente Pinto em 1753, na sede da paróquia do mesmo nome, e doada à Irmandade que se dedicava ao culto da Santa. Monumento histórico e artístico de relevância, viveu, até 1995, um longo e contínuo processo de desgaste. Preocupado com a situação crítica do templo e com o grave risco de se perder definitivamente o patrimônio artístico ali existente, padre Pedro assumiu a missão de salvá-lo das ruínas. Mobilizou a Irmandade, paroquianos e fiéis, conseguindo R\$900 mil, dos quais 80 por cento vieram de doações da comunidade. O restante, da Igreja Católica da Alemanha e de bazares e quermesses organizados pela Irmandade.

Categoria Educação Patrimonial

Centro de Cultura Luiz Freire, de Olinda/PE, pela construção e implantação de uma escola diferenciada para o povo indígena *Xukuru de Ororubá*, no município de Pesqueira, em Pernambuco.

O Centro desenvolveu trabalho abordando a questão da organização indígena e a valorização dessa cultura, resgatando a concepção de mundo por meio de suas histórias e lendas, transmitidas oralmente. A comunidade indígena participou da elaboração do material didático, incluindo

cartilha e vídeo.

A cartilha *Xukuru, Filhos da Mãe Natureza – uma História de Resistência e Luta* reconstrói a história da etnia com a preocupação de apresentar o cotidiano, crenças, mitos e sua organização social. O vídeo *Xicão Xukuru* relata a luta empreendida pelo cacique para reorganizar 23 aldeias em suas terras de ocupação tradicional e apresenta seu esforço para melhorar a qualidade de vida do grupo, por meio de projetos nas áreas de educação e saúde.

Categoria Inventário de Acervos e Pesquisa

Arquiteto Paulo Ormino de Azevedo e equipe do Projeto de Estudo do Acervo Turístico da Bahia, pelo trabalho *Concepção e Desenvolvimento do Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*.

Iniciado há mais de 25 anos, é considerado inovador em sua metodologia, servindo de modelo a trabalhos realizados por instituições de preservação. A equipe identificou, levantou e documentou 1.090 imóveis e 18 sítios de interesse cultural e natural, em 415 municípios baianos. O inventário é fonte permanente de consulta e pesquisa para instituições de todo o Brasil, inclusive o próprio Iphan.

Categoria Proteção do Patrimônio Natural e Arqueológico

Fundação Casa da Cultura de Marabá, do Pará, pelos estudos e trabalhos sobre conservação do patrimônio natural, cultural, histórico e arqueológico da região.

O apoio e a participação da sociedade, principalmente dos estudantes, foram fundamentais para a realização dessa ação. Os trabalhos, divulgados tanto no Brasil quanto no exterior, contaram com a cooperação técnica do Museu Paraense Emílio Goeldi, da Fundação Carlos Gomes, do Ibama, do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico, da Estação Científica Ferreira Penna e da Fundação Serra das Andorinhas.

Menção Honrosa

Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, pela *Série Filatélica*, enfocando o patrimônio cultural brasileiro.

Os temas apresentados nos selos foram: Comemorações do 5º Centenário do Descobrimento do Brasil; 400 Anos do Mosteiro de São Bento; 100 Anos de Cinema Brasileiro; Centenário do Nascimento de Rodrigo Melo Franco de Andrade; Centenário do Nascimento de Luís da Câmara Cascudo; Patrimônio Histórico Mersocul - Missões; XXIV Bienal de São Paulo; 200 Anos do Nascimento de Dom Pedro I; e Natal 98 - Azulejos de Athos Bulcão – Igrejinha.





A PALAVRA DOS PREMIADOS

Centro de Cultura Luiz Freire - “A história dos Xukuru, assim como a dos diversos povos indígenas no Brasil, foi negada, omitida e esquecida pela história oficial por longos anos. Nos livros das nossas escolas, os índios aparecem na condição de extintos, de passado, de vencidos. Quando se reporta à história desses povos é sempre no sentido do folclore, do pitoresco; é história com “e” para afirmar que não é verdadeira.

Receber o Prêmio do Iphan é uma forma de trazer a história do povo Xukuru para o lugar que sempre lhe coube, o de patrimônio cultural de Pernambuco do Brasil. Um patrimônio que não está sendo apenas resgatado e preservado, mas *ressignificado* na medida que é contado e registrado pelas novas gerações, num processo de manutenção e ao mesmo tempo de reconstrução e reelaboração dessa história.

Para o Centro, que em 1997 recebeu o Prêmio pelo trabalho de documentação em comunidades remanescentes de quilombos, este de 1999 é recebido com muito orgulho e certeza da

importância de tornar público e visível o cotidiano, a história e a cultura das comunidades étnicas em Pernambuco e no Brasil, e ainda, o nosso trabalho.”



Padre Pedro Nunes de Almeida - “Muito honra a todos os envolvidos neste empreendimento a homenagem do Governo Federal concedendo a nós o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Acolho-o como dirigido à nossa Paróquia de Santa Rita e espero que sirva

de estímulo para um trabalho mais eficaz em favor da manutenção do nosso patrimônio histórico, tanto por parte do Governo Federal como por parte daqueles que são os responsáveis mais diretos por aquelas obras que testemunhem nossa história, nossa cultura, nossa memória.”



Fundação de Cultura Cidade do Recife - “A importância da distinção conferida ao *Brincantes* é o reconhecimento à equipe técnica da Fundação de Cultura Cidade do Recife, é o aspecto moral da premiação: a afirmação do respeito devido a funcionários públicos, condutores de políticas e executores de ações nas áreas de cultura e do patrimônio. Igualmente importante é destacar, no âmbito da política cultural, o papel que vêm desempenhando os instrumentos de incentivo nos três níveis de governo para a viabilização de projetos como este. Embora incipiente, o seu aperfeiçoamento aponta para uma ampliação de

oportunidades e da consolidação e ampliação do mercado cultural, afirmando uma Economia da Cultura.”

Paulo e Maria Cecília Geyer - “Dentre as gratas lembranças que passam a integrar nossa memória, está a homenagem com que o Iphan nos agracia, conferindo-nos o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Fruto de uma remota e contínua dedicação, temos agora colhido o testemunho do reconhecimento público pelo ato de doação do acervo da *Casa Geyer*, que nos motivou o desejo de preservar uma modesta parte da memória nacional e da cidade do Rio de Janeiro.”

Noé von Atzingen, Presidente da Fundação Casa da Cultura de Marabá - “O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade tem grande significado para nós, pois demonstra que um bom trabalho pode ser desenvolvido mesmo em condições relativamente difíceis como a nossa. O Prêmio traz muita alegria à nossa Fundação, pois é a prova concreta do reconhecimento de que estamos caminhando no rumo certo. Por outro lado, esta escolha é um grande presente para os 15 anos de atividades desenvolvidas pela Casa e resgata e divulga o nome da cidade de Marabá. Neste momento, agradecemos de coração a todos os que ao longo destes 15 anos estiveram conosco acreditando que as atividades de preservação do patrimônio natural e arqueológico propiciariam uma perspectiva melhor para o conhecimento de nossa memória.”

Paulo Ormindo de Azevedo e equipe do Projeto de Estudo do Acervo Turístico da Bahia - “Rodrigo Melo Franco de Andrade foi o pertinaz construtor do sistema de preservação do patrimônio cultural do Brasil e um dos pioneiros do Hemisfério Sul. O Prêmio é um estímulo a todos aqueles que tentam seguir e alargar o sendeiro aberto por ele. No nosso caso, significou o reconhecimento nacional do Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, labuta de um pequeno grupo de arquitetos e técnicos de identificação e conscientização do patrimônio de um dos mais extensos e ricos estados brasileiros. Patrimônio que não se restringe aos grandes monumentos, mas inclui também pequenas vilas e numerosas construções que, plasmadas pelo povo, adquiriram significação histórica e configuram a face construída de um quinhão importante de nossa nação.”

Egydio Bianchi, presidente da ECT - “Vem de longa data a preocupação da ECT com a preservação de nosso patrimônio artístico e cultural, traduzida não só pela emissão de selos que divulgam monumentos arquitetônicos, sítios arqueológicos, parques nacionais e cidades eleitas Patrimônio da Humanidade ou que homenageiam personalidades que se dedicam à causa.

Em um país de realidade cultural vária e diversificada, somos constantemente lembrados sobre a fragilidade com que nossas riquezas e tradições são ameaçadas quando não ocorre a devida proteção. E é por essa razão que consideramos da maior importância a iniciativa do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade ao distinguir ações e iniciativas que efetivamente contribuem para a preservação patrimonial.

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos sente-se orgulhosa em receber a Menção Honrosa do Prêmio Rodrigo Melo Franco, referência e estímulo para suas novas ações de preservação e difusão do patrimônio cultural.”



COM A PALAVRA, OS INTEGRANTES DA

Walter Albuquerque Mello, arquivista, dirigiu a Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Educação e Cultura do DF e participou da criação do Arquivo Público do DF, onde atuou como superintendente.

“O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade honra a memória do seu patrono. Um dos méritos do Prêmio é o de dar visibilidade a significativas ações que são desenvolvidas em prol da preservação do valioso patrimônio cultural do país.”



Celso Araújo, jornalista, trabalha na Assessoria de Comunicação Social da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura. Atuou em diversos meios de comunicação, como *Jornal de Brasília*, *Correio Brasileiro*, *Rádio Nacional* e *Rádio Cultura*.

“O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade é um selo e um signo. Ambos devem se multiplicar: o selo, por se tratar de um prêmio destinado a distinguir publicamente as marcas da sociedade diante de seu corpo físico, de sua espiritualidade, de sua economia, de suas bases materiais, étnicas, estéticas e civilizacionais; o signo, porque não pode haver Brasil sem Patrimônio Histórico, tal como foi intuído por Rodrigo Melo Franco de Andrade e tudo o que diz respeito à cultura brasileira do passado, do presente e do futuro. Aliás, respeito às culturas brasileiras é bom e por isso a sigla Iphan deve soar como uma pedra de búzio, um toque de chamada, uma senha de acesso à terra nossa de cada dia. É hora de todos reconhecermos a importância dos propósitos e compromissos públicos na política de preservação, educação patrimonial, prospecção e projetos, chegando a todas as instâncias da cidadania.”



Ana Maria Siems Forte, museóloga, é chefe do Departamento de Projetos Especiais da Embratur, onde é responsável pelo segmento de Turismo Cultural.

“Encontramos a prática da cidadania em pequenas ações realizadas sem maior interesse do que o de resgatar e valorizar crenças, costumes e tradições. É importante que se reconheçam essas ações como parte fundamental no processo de preservação da cultura brasileira e, mais do que isso, que se divulgue que cada um pode fazer a sua parte.”



Jaime de Almeida, historiador, coordena o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília.

“O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade é uma fórmula muito apropriada de manter vivos e atuantes os ideais do fundador do Iphan. Estimulando por meio do Prêmio o reconhecimento público e a valorização da obra de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, que se destacam na preservação do nosso patrimônio cultural, o Iphan encontrou mais uma forma de cumprir com inteligência e elegância o seu papel. Parabéns!”

Maria Cecília Londres Fonseca, assessora da Secretaria de Patrimônio, Museus e Artes Plásticas do Ministério da Cultura. É doutora em Sociologia da Cultura pela Universidade de Brasília. Sua tese de doutorado foi publicada pela Editora Ufrj e Iphan, sob o título *O Patrimônio em processo* – trajetória da política federal de preservação no Brasil.

“Tenho participado seguidamente da Comissão Nacional do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade e sempre me surpreendo com a diversidade e a qualidade dos trabalhos apresentados. Além do enriquecimento e do estímulo que essa constatação nos traz, podemos perceber que, a cada ano, a sociedade brasileira está mais envolvida na proteção e valorização do nosso patrimônio cultural.”



Paulo de Melo Zimbres, arquiteto, titular da empresa Zimbres Arquitetos Associados. É mestre em Desenho Urbano e Planejamento Urbano e Regional pela Universidade de Edimburgo, na Inglaterra. Foi professor da Universidade de Brasília, onde chefiou o Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

“À medida em que aprofundávamos o exame do conjunto dos trabalhos concorrentes ao Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, 12 anos após sua criação, tive meu otimismo restaurado quanto às imensas possibilidades da participação da sociedade como instrumento eficaz de resgate, preservação e divulgação do patrimônio cultural brasileiro, tal a diversidade, rigor, criatividade e expressividade observadas em um grande número das ações que se apresentaram, oriundas das diversas regiões do país. O conjunto das atas dos diversos prêmios permite perceber a consolidação de um nítido ideário em favor das iniciativas espontâneas de organizações da sociedade, ou mesmo de pessoas, ora apoiando, ora trabalhando com profissionalismo e persistência, muito freqüentemente enfrentando o poder econômico e a incompreensão, para atingir seus propósitos como defensores do patrimônio.”



Ronaldo Costa Fernandes, escritor, coordenador da Fundação Nacional de Arte, em Brasília. É autor de *Notícias del Horto* e *O Morto Solidário*, que ganhou o Prêmio Casa de las Américas, em Cuba. Outras premiações: Revelação de Autor, da Associação Paulistas de Críticos de Arte, e Guimarães Rosa, do Estado de Minas Gerais.

“O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade também é uma forma de premiar aqueles que, espalhados pelo Brasil, apostam no futuro do país sem esquecer os valores (materiais e imateriais) que nos forjaram enquanto povo e civilização. O Prêmio transforma-se, assim, num reconhecimento de ações que revelam os esteios, lastros, raízes, capazes de perpetuar e reproduzir a variedade cultural que nos plasma. O Prêmio faz com que nos reconheçamos como integrantes de uma nação continental que preserva valores que não são imobilizantes; ao contrário, são transformadores, dinâmicos e enriquecedores.”





COMISSÃO NACIONAL DE AVALIAÇÃO

Emília Stenzel, arquiteta, coordenadora de Intercâmbio do Iphan. Trabalhou em Berlim, na Alemanha, e foi assessora de Programação Cultural do Instituto Goethe, em Brasília.

“As ações que este ano concorreram ao Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade atestam, em sua excelência, o desenvolvimento da preservação do patrimônio no país e a crescente participação das comunidades neste processo. Os casos que encontramos e destacamos, desde arrojadas ações individuais até aquelas envolvendo comunidades inteiras, constituem momentos exemplares de exercício da cidadania. O reconhecimento do valor destas ações, consideradas em uma perspectiva que atenta para a diversidade cultural de nosso país, é essencial para a tarefa de ampliar a teia de nossas referências culturais.”



José Ricardo Oriá Fernandes, historiador, assessor legislativo da Câmara dos Deputados para a área de Educação e Cultura. Autor de livros didáticos e artigos sobre educação patrimonial e mestre em Direito Público pela Universidade Federal do Ceará.

“O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, (...) tem se revelado, a cada ano, um instrumento difusor das várias ações preservacionistas oriundas de diferentes pontos do país. Essas ações (...) revelam um princípio basilar para quem, como eu, trabalha e milita na esfera do Patrimônio Histórico – o de que a preservação de nosso rico e multifacetado acervo cultural é tarefa que se impõe a todos: Poder Público, iniciativa privada, comunidade e os segmentos e instituições não-governamentais da sociedade civil. Afinal de contas, como afirmava Aloísio Magalhães, ex-presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, ‘a comunidade é a melhor guardiã de seu Patrimônio.’”



Celso Salatino Schenkel, engenheiro florestal, coordenador de Meio Ambiente e Desenvolvimento do Escritório da Unesco no Brasil.

“Ao tomar iniciativas como o Prêmio, o Poder Público, no caso o Iphan, cumpre com mais abrangência o seu mandato. O Prêmio ultrapassa, portanto, o mandato do Iphan, pois abre para a sociedade a difusão de trabalhos e ações extremamente importantes para o país e até mesmo para o exterior. A filosofia do Prêmio vai além da questão da preservação institucional do patrimônio e a insere em todas as áreas da sociedade. Destaco, também, o critério de multidisciplinaridade na escolha do júri. A Unesco ficou honrada em participar do processo de avaliação das ações e eu, particularmente, gratificado com a oportunidade de trocar informações e conhecimento com os membros da comissão.”

Gilberto Sales, oceanógrafo, chefe do Departamento de Unidades de Conservação do Ibama. Trabalha há 12 anos em manejo de fauna e flora e em gestão de unidades de conservação.

“O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade é, antes de tudo, um exercício de democracia. A começar pela seleção dos projetos, a partir da capilaridade das unidades regionais, culminando com o processo de julgamento cristalinamente isento de qualquer outro interesse que não o de julgar com justiça. É uma iniciativa da maior importância, que proporciona oportunidades de reconhecimento público àquelas organizações e pessoas que realizam concretamente o resgate, o conhecimento e a conservação do patrimônio cultural brasileiro. É um privilégio poder colaborar com essa iniciativa.”



Louise Ritzel, arquiteta, diretora de Proteção do Iphan. Tem atuado em planejamento urbano, com ênfase na recuperação de áreas degradadas, ocupando cargos de direção em vários níveis de governo.

“É uma honra participar do júri do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade e constatar que ele cumpre o seu papel de identificação e divulgação de ações exitosas na preservação de bens culturais. Este ano, a seleção regional foi bastante representativa da diversidade cultural do Brasil, tendo sido premiada, pela primeira vez, uma iniciativa indígena de resgate cultural. A simples inscrição desta ação já demonstra que a política implementada pela nova administração do Iphan e pelo Ministério da Cultura amplia a percepção sobre os componentes da formação da cultura nacional. Nós, brasileiros, estamos de parabéns.”



Célia Corsino, museóloga, diretora de Identificação e Documentação do Iphan. Dirigiu o Museu do Folclore Edson Carneiro, da Funarte; coordenou o programa de museus da Secretaria de Cultura do Distrito Federal e a 14ª Coordenação Regional do Iphan.

“O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade constitui-se no mais importante reconhecimento das ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro, promovidas pela sociedade. Através dela, procuramos fomentar essas iniciativas também como uma forma de, cada vez mais, aproximar as ações institucionais dos anseios sociais e ampliar o conhecimento e a apropriação desse patrimônio.”



Integrou ainda a Comissão o diretor do Museu da Inconfidência de Ouro Preto, Rui Mourão, que não deu seu depoimento sobre o Prêmio, pois se encontrava em viagem quando do fechamento desta edição.





O PRÊMIO, POR SEUS IDEALIZADORES

Estávamos no início de gestão de uma nova Diretoria do Iphan – março, talvez abril de 1994. Reunida com dois dos coordenadores do Departamento de Promoção – Cícero Almeida e José Pessoa, nos deixamos divagar sobre possíveis projetos para a área, satisfeitos com a possibilidade de intervir nos rumos que a Instituição tomaria a partir de então.

Da Diretoria anterior, não havia muitas lembranças e estas não se encaixavam no projeto que começávamos a construir e que tinha, entre outros objetivos, a ampliação da visibilidade institucional e a conquista de imagem mais favorável junto à opinião pública. O Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC, gerado pelo governo Collor após a extinção do Iphan, com apenas quatro anos carregava um saldo nada positivo em feitos e recursos. Nesse período de muitas perdas, os feitos pouco acrescentaram à biografia institucional, e os recursos, tratados desumanamente, andavam dispersos em busca de novos rumos onde o saldo fosse de conquistas.

Nossa conversa girava, então, sobre esses temas e parecia óbvia a necessidade de criação de um projeto que tivesse impacto junto à mídia por tratar positivamente a ação institucional. Ninguém desconhece que grande parcela dessa ação está apoiada no controle das expectativas. É claro que tal controle se justifica em nome do interesse da coletividade, independente das expectativas particulares, sejam elas criadas pelas demandas da vida cotidiana nas cidades ou por interesses políticos, comerciais ou financeiros. Todavia, a responsabilidade institucional de normatizar as ações em bens culturais é responsável pela geração das muitas notícias que projetam negativamente a imagem do Iphan. Divulgar e festejar o lado positivo do trabalho do Iphan parecia importante como meio de fortalecê-lo, com a conseqüente valorização do seu corpo de funcionários, e, também, como estratégia para angariar parceiros em benefício do patrimônio cultural.

Por outro lado, a extensão desse trabalho, pela diversidade dos acervos culturais a proteger e pela pluralidade dos bens que os constituem, nunca contou com o aporte de recursos públicos necessários. Muitos dos espaços deixados a descoberto pelo Governo Federal já vinham, felizmente, sendo ocupados por instituições públicas nos níveis estadual e municipal e por entidades privadas, e as ações por elas desenvolvidas demandavam o reconhecimento público, por meio de sua divulgação.

Entre os parceiros privados importava tanto aqueles responsáveis por ações com extensão e recursos vultosos, os mecenas do patrimônio cultural; os que pensam e

estudam sobre esse patrimônio, contribuindo para o seu registro e conhecimento; ou aqueles que, por fé, paixão ou gosto, dedicam-se à preservação das mais diversas memórias brasileiras.

Restava desenhar um projeto capaz de festejar essas parcerias, estimulando novos colaboradores a se juntarem ao Instituto em favor do extenso patrimônio cultural brasileiro. Para essa tarefa convidamos o cientista social Sydney Solis, que a realizou com a competência habitual. Surgiu assim o *Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade*, cuja primeira versão, ainda discreta, aconteceu no mesmo ano de 1994, e que nos anos subseqüentes, transformou-se em evento importante na área cultural, tanto pelo concurso crescente de parceiros quanto pela qualificação cada vez maior das ações empreendidas.

Confesso que a recordação desses fatos muito me envaidece porque confirmam a capacidade transformadora dos projetos do Iphan.

As medalhas fundidas, em 1987, com o perfil de seu fundador, e oferecidas a antigos funcionários e colaboradores dedicados para comemorar o cinquentenário do Iphan, em 1993, inspiraram o *Mérito Rodrigo Melo Franco de Andrade*. Os conteúdos desses eventos são semelhantes, embora a seleção dos agraciados durante o cinquentenário tenha sido orientada pela emoção de compartilhar com velhos amigos a maturidade institucional e, em 1993, tenha tido a orientação de agradecer personalidades públicas apontadas como importantes para a vida institucional.

Em 1994, a novidade estava na mudança de enfoque e na indiscutível repercussão de suas conseqüências. Avançando sobre o reconhecimento do trabalho solitário e apaixonado de poucos indivíduos, ou sobre a influência política de outros, e premiando ações voltadas para a preservação do patrimônio cultural brasileiro, o Iphan passou a divulgar a importância do trabalho cooperado, em favor dessa preservação, entre as instituições governamentais e os diferentes segmentos da sociedade civil, valorizando a dimensão social dessas ações.

Ano a ano se constata a ampliação do número de parceiros que, como no Iphan, apostam na defesa do patrimônio cultural brasileiro como ação fundamental à transformação do país e, neste 1999, está sendo realizada a quinta versão desse prêmio, tal como desenhado em 1994. O *Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade* está hoje incorporado ao cotidiano institucional, e seus benefícios já podem ser amplamente percebidos porque deixaram de ser novidade. Mais uma vez só nos falta festejar!

Jurema Kopke Eis Arnaud

Dirigiu o Departamento de Promoção do Iphan de 1994 a 1996

